◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2023

ANO 8 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: LETICIA MARQUES

Espaço é de todos, dos cisgêneros aos LGBTQIA+

Leticia Marques, jogadora de vôlei, mulher trans que participa de um dos meios mais transfóbicos, o esporte.

Repórter: Gabie Sertório

Já faz 14 anos que o Brasil é o país que mais assassina pessoas trans. Ao morrer essas pessoas se tornam estatísticas, não têm suas histórias contadas, não se sabe quem são de verdade. A ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) publicou recentemente o "Dossiê Assassinatos e Violências Contra Travestis e Transsexuais Brasileiras" em que aponta o número de 131 trans mortos no Brasil em 2022, sendo 130 mulheres trans. Além dos homicídios, crescem também outras formas de violência exigindo de pessoas trans uma capacidade de superação ainda maior. Leticia Marques, 38 anos, é jogadora de vôlei de uma equipe feminina de veteranas da cidade de Cravinhos (SP). Começou a carreira em uma equipe masculina, aos 14 anos e teve oportunidades, inclusive fora do Brasil. Formada em Educação Física, hoje é professora no SESC e no SENAC em Ribeirão Preto. A transição aconteceu em 2016, quando ela tinha 29 anos.

MURAL ENTREVISTA – Como foi o processo para você se entender como mulher trans?
LETICIA MARQUES – Desde criança eu já sabia que era mulher, mas transicionei com 29 anos para não ter que entrar no mundo da prostituição. Eu acredito que se eu tivesse feito antes eu teria entrado nesse meio, porque o mundo profissional fecha muitas portas para pessoas trans e pretas. Então eu resolvi que primeiro teria minha formação e depois eu iria transicionar, para ter um ambiente profissional em que eu conseguisse quebrar a barreira sendo trans. Era muito difícil. Eu trabalhava em uma academia onde todos já me conheciam pelo meu nome de batismo. Fui conversar com meu chefe e falei que a partir de janeiro eu iria trabalhar como Leticia. Ele não queria, mas o filho ajudou a convencê-lo. Eu disse que se em março de 2017, três meses após minha transição, o faturamento caísse eu mesma pediria demissão. Tínhamos 76 alunos e depois, em março, tínhamos 346 porque eu melhorei muito a minha energia, comecei a me engajar mais, fazer a divulgação da academia e até ir pra rua oferecendo nossos serviços. No final, ele até chegou a me pedir perdão.

E para sua família como foi esse processo?
Minha mãe hoje já tem quase oitenta anos e na época que eu transicionei ela era uma pessoa totalmente de cabeça fechada. Chegou a ficar um mês sem conversar comigo, só que eu fui a única filha que sempre ajudou, que se doava muito para ela, então ela acabou entendendo que a minha mudança foi só de vestimentas e física, porque de restante o caráter é o mesmo. Hoje todo mundo me respeita bem, ainda tem uns que não conseguem me chamar de Leticia e eu entendo porque são pessoas que não conseguem mudar, então eu respeito eles também.

De onde surgiu o vôlei na sua história? E como foi passar do time masculino para o feminino?
Ser jogadora de vôlei foi meu maior amor desde os 13 anos. Consegui várias bolsas, fui jogar fora do país, já passei por vários times de ponta, joguei em times profissionais e morei em dois países que eu queira conhecer. A mudança pro feminino foi complicada. Em um jogo aconteceu de a equipe adversária não entrar na quadra para jogar e sou uma pessoa super honesta, sempre com os documentos na bolsa, os exames médicos também porque faço o tratamento hormonal certinho. Eu realmente perdi

a potência que tinha antes. Muita gente tem opinião negativa sobre trans jogarem no feminino e não entendem que o corpo muda demais. Isso vem em parte do preconceito, do machismo e até do feminismo, pois há mulheres que acham que trans querem tomar o lugar. Nós, trans, queremos dar as mãos e lutar juntas.

Como foi seu tempo morando fora do país? Você sentiu que lá fora é mais aceito?
Fiquei um ano morando nos Estados Unidos, conheci pessoas maravilhosas, eu não tinha poder aquisitivo para estar lá, mas as pessoas que eu encontrei lá foram como anjos, me ajudaram muito, principalmente com a língua e até com alimentação. O Canadá também foi um ano. Eu acredito que todos deveriam sair do Brasil para conhecer outros povos. Principalmente sobre o preconceito contra transexuais, lá é totalmente aceito. As pessoas respeitam mais as outras, sem ficar apontando o dedo, Os Estados Unidos, ok, mas o Canadá é muito mais estruturado, desde do fundamental eles têm aulas de acolhimento de minorias e aprendem a respeitar.

E qual a maior dificuldade que você passou como mulher trans?
Quando as pessoas decidiram não entrar em quadra não foi um trauma para mim, acho que um dos momentos mais marcantes foi na época que eu trabalhava na academia foi quando o pessoal que já me conhecia como homem me viram em janeiro como mulher, essa imagem não sai da minha cabeça as pessoas entrando e tendo um choque, mas com muito respeito perguntando meu nome ou como me chamar foi formidável e por dentro eu estava quebrando aos poucos por que eu nem sabia como cumprimentar a pessoa. Eu não me arrependo de nada, eu sempre vivi tudo isso sozinha, foi um momento que eu tive que passar para me entender como Leticia.

Qual sua opinião sobre a vedação de jogadoras transsexuais?
Eu vejo essa vedação vindo mais do público. Nós, LGBTQIAP+, estamos fazendo barulho e quando a gente faz barulho as pessoas se assustam. Antes nós pedíamos desculpa e não podemos fazer isso mais. O espaço é para todos, não só para as pessoas brancas cisgênero e heterossexuais ainda mais em um país tão diverso como o Brasil.

Recentemente você esteve no Seminário de Identidade Trans e Travestis, como foi essa experiência?
Eu tive uma amplitude muito rica de informações. O seminário me mostrou muitas possibilidades para ajudar outras pessoas. Eu sei me defender e achava que a maioria das trans também. Durante o seminário eu consegui entender que nem todos conseguem se proteger. Agora, vou entrar com tudo que eu puder para ajudar. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO
Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO
Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO
Janio Warlem (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)